



“VOCÊ VAI SE ENTENDENDO MELHOR E VAI FORMULANDO MELHOR AQUELA IDEIA”: ENTRE PESQUISA, NARRATIVAS E SUBJETIVAÇÕES

Neilton dos Reis ¹
Roney Polato de Castro ²

Resumo

Esse trabalho é resultado de inquietações e desdobramentos de uma pesquisa de mestrado em Educação concluída no ano de 2018. Nela nos debruçamos sobre narrativas de pessoas que se identificavam com a não-binaridade de gênero e se diferenciavam do *ser mulher* ou *ser homem*. Nesse artigo temos como objetivo refletir sobre a própria pesquisa em sua dimensão metodológica e de escrita encarando-a como um processo de experiência, resistência e invenção de si tanto para os sujeitos que dizem de suas experiências na não-binaridade quanto para nós enquanto pesquisadores. Como metodologia da pesquisa nós assumimos encontros com entrevistas narrativas e é esse material, junto às nossas próprias impressões do processo, que utilizamos como base para a discussão desse trabalho.

Palavras-chave: Não-binaridade de gênero. Narrativa. Experiência.

Introdução


Este texto se configura pelas provocações e desdobramentos de uma pesquisa de mestrado em Educação finalizada no ano de 2018 que investiu na potencialidade de encontrar com sujeitos que se identificam em suas experiências de gênero com a não-binaridade. Foram três os sujeitos que encontramos – todos residentes em Juiz de Fora, Minas Gerais – e que conversamos em dois ou três momentos individuais. As três pessoas são chamadas nesse trabalho como Elfo, Irene e Netuno – nomes fictícios. São as narrativas desses encontros que trazemos para essa argumentação, bem como narrativas construídas por nós mesmos enquanto pesquisadores acerca dos encontros da pesquisa.

As conversas que fizeram parte do caminho metodológico puderam ser um deixar-se imergir e respirar o ar delicado que vem do mar das experiências. O acesso às memórias para compartilhar suas experiências durante nossos encontros puderam ser momentos de novas experiências, novos deslocamentos e novas (des)subjetivações. As vezes que voltamos a conversar, com diferença de meses entre uma conversa e outra, nós pudemos lançar olhar àquilo que foi disparador, àquilo que pôde provocar uma experiência nova na não-binaridade:

¹ Doutorando em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, neilton.dreis@gmail.com

² Doutor em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, roneypolato@gmail.com





a narrativa de si, o contar-se, protagonizar-se. Pensamos em cada conversa, cada encontro com o outro e conosco mesmos como um “acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir” (LARROSA, 2002, p. 285).

Nesse texto perpassamos por algumas imersões nas narrativas dessas pessoas que irão dizer das suas impressões e deslocamentos durante a pesquisa. Caminhando com Corinne Squire, defendo narrativa com uma visão ampla de “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares” (2014, p. 273) – entendendo que o tempo tem sua importância, mas não pode ser considerado como o único (e principal) organizador: também os espaçamentos têm seu valor determinante.


Assim, o que procuro é um caminhar junto às narrativas. Sendo as construtoras dessa pesquisa, não busco a interpretação das experiências ou alguma revelação do que está “por trás” de cada história narrada. Ao contrário, as utilizo para operar com os conceitos (ou as palavras) produzidos durante cada conversa. Nesse sentido vou ao encontro de Cristina d’Ávila Reis quando penso que as “informações que são coletadas em um trabalho de campo não são dados passíveis de serem explicados, mas são significados produzidos no contexto pesquisado, que podem ser lidos e construídos de diferentes formas” (D’ÁVILA REIS, 2012, p. 247). Assim as experiências são narradas já interpretadas ou representadas, não temos acesso a elas, apenas suas sombras, rápidas capturas. Da mesma forma, o próprio momento da conversa se constitui como um disparador de experiências e que, nesse texto, é narrado (também na perspectiva de que já é interpretado ou representado por nós, simples capturas).

Dos questionamentos que trazemos nesse trabalho destacamos um que atravessa todos os outros: como as experiências de pesquisa em não-binaridade de gênero movimentaram e movimentam outras experiências? Para tal discutir, vamos ao campo teórico dos estudos pós-estruturalistas que têm lançado mão das desnaturalizações dos binários que constituem os sujeitos. Esse texto está dividido em três partes: essa introdução, na qual apresentamos a temática central do trabalho bem como seus aportes metodológicos; em seguida passamos às narrativas produzidas por nós, Elfo, Irene e Netuno; e finalizamos com algumas considerações gerais pertinentes aos assuntos discutidos.

“Foi uma experiência nova pra mim que nunca tinha falado”: novidade e memória

Em trabalhos anteriores foi discutido que “experiência é encontro, relação com algo que experiencio, de modo singular. Algo que me conduz a pensar e produzir questionamentos” (CASTRO, 2014, p. 13). É com essa reflexão que iniciamos. A construção da pesquisa em questão efervesceu em torno do encontrar: encontros com Elfo, Irene e





Netuno, encontros com leituras, encontros com o inesperado. E foram esses encontros que se fizeram movimento, além de pesquisa, de vida.

Netuno: Eu achei tudo importante assim. Foi tudo maneiro, eu gostei de tudo na conversa. Eu acho que abriu muita coisa pra minha cabeça mesmo. Tipo no dia seguinte, eu nem te falei isso, mas no dia seguinte eu virei e contei pra minha namorada. E ela ficou de boas.

Neilton: Que legal!

Netuno: E tipo, se a gente não tivesse conversado eu não ia ter contado até agora. Eu sinto que não. Porque tipo, eu saí e eu tava na casa dela. Aí eu fui te encontrar e falei pra ela: “ah eu tô indo encontrar esse menino que ele tá fazendo uma pesquisa assim e tal”. Aí ela ficou toda: “mas porque ele quer falar com você?”. E ela ficou meio assim, aí eu virei e falei de uma vez. Eu achei que ela ia ficar toda estranha e, sei lá não sei, eu achei que ela ia ficar estranha. E ela ficou de boas.

(Netuno – Conversa 2)

Assim, eu gostei da nossa conversa. Até que depois eu acabei tendo outra conversa com outra pessoa também. E foi uma experiência nova pra mim que nunca tinha falado, conversado com ninguém sobre isso, sobre essas questões. Mas eu gostei bastante.

(Elfo – Conversa 2)

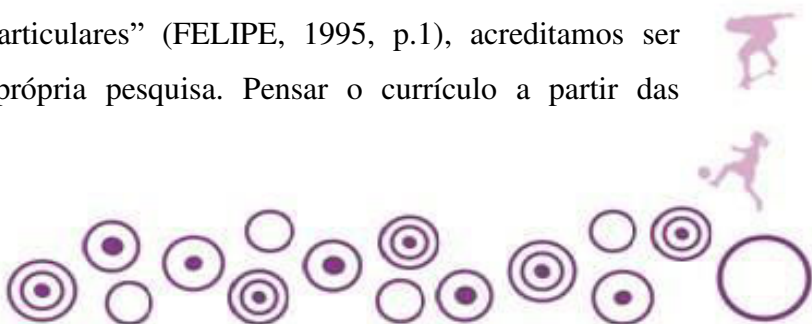
Eu lembro de quase tudo praticamente. Eu acho que no geral a conversa toda foi muito produtiva e gente tocou em vários pontos muito importantes. E é isso.


(Irene – Conversa 2)

O encontro conosco, o encontro com a namorada, o encontro com o debate. Tudo nos parece um experienciar essa pesquisa, em especial por provocar pensamentos, provocar pensamentos outros. A experiência de encontrar se movimentou nessa pesquisa como deslocamento, como grata surpresa, como potência para assumir e pensar as novas possibilidades de existência.

Narrar-se, percebemos, implica em inventar um passado e inventar-se. Como diz Elfo: “foi uma experiência nova” – que pode ter gerado desconfortos, prazeres, angústias, alívios. Entendo assim o que indica Lia Scholze, ao sinalizar “a possibilidade de reflexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo, que pode ser estabelecida através da linguagem numa perspectiva de construir novos significados para nossa existência” (2005, p. 24).

A partir da ideia de currículo apresentada por Jane Felipe como “um discurso que, ao corporificar as narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos – e sujeitos também muito particulares” (FELIPE, 1995, p.1), acreditamos ser interessante encará-lo em conexão à própria pesquisa. Pensar o currículo a partir das





narrativas de si e que é produzido nelas é pensar o que emerge da memória, o que permanece enquanto experiências desses sujeitos.

Acho que conforme a gente vai conhecendo as pessoas, conversando com as pessoas e se relacionando com as pessoas – não intimamente, mas relacionamento tipo amigos, família, até namorada sabe – você vai se entendendo melhor e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes. Talvez uma coisa que você pensava de uma forma, depois de uma conversa você pode pensar de outra forma.

(Netuno – Conversa 2)

Os encontros narrados por Netuno parecem constituir um currículo, umas subjetividades, umas (novas) perspectivas de si e do mundo. Quando a pesquisa pensa em investir nos encontros enquanto currículos (que realmente são), se depara com a própria memória, a própria trajetória de (des)(re)encontros da vida e o próprio narrar-se como componentes curriculares dessas pessoas. A pesquisa é um perder-se. Um perder-se se significa, também, na escrita e no próprio rememorar o processo:

A última crônica: “O encontro com a morte”

Eduardo Galeano, ao que se sabe, teve uma vida esplêndida, verbalizada pela poesia. Ele expôs as veias da América Latina, vocalizou o “não” e defendeu o direito à utopia. Caminhou por um continente atravessado por sua luta, povo, cores e sentires. Viveu por 74 anos. Foi em 2015 que o conheci. A partida de Galeano desse mundo foi largamente noticiada à época. O poeta latino-americano que nos deixava uma obra apaixonada por essas terras.

Foi a morte que nos apresentou.

Poucas vezes na minha vida tive encontros com a morte. E nesse encontro que tive em 2015 entendi que ela pode ser tão dolorida quanto potente. Tão triste quanto desencadeadora de novas forças.

Foi no dia 5 de julho de 2017 que morte e eu nos reencontramos.

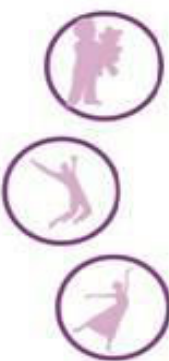
A noite iniciava rápida. O café passado quase que pontualmente às 18h, a conversa jogada fora da varanda pra rua, a fumaça de cigarro que penetra na roupa secando no varal. O inverno juiz-forano traz o frio e a neblina para a Universidade assim que o sol se põe – cedo demais. O caminho casa-UFJF é rápido, descontraído de músicas e com nenhum sinal vermelho. Como dia atípico, subi escadas para a reunião. Como um dia atípico fui impedido de subir as escadas. Como um dia atípico, me encontrei com o suicídio.

Até então só tinha tido encontros literários com suicídios. Não sei se é possível valorar a experiência, mas me permito a isso quando digo que encontrar com o suicídio na escada foi a pior experiência que poderia ter passado durante minha trajetória até então. Cedo demais.

A noite que se estendia naquela quarta-feira ficou suspensa: as falas se misturaram umas às outras, o entendimento do que aquela notícia significava não era alcançado, as sinapses celebrais cessando, o revirar do estômago clamando por um engano, as veias que se abriram na América Latina se abrindo em mim.

O menino me contou do suicídio de Netuno. A partir de então tudo o que consigo pensar é uma paráfrase d’*As impressões digitais* de Eduardo





Galeano no seu Livro dos Abraços: “Netuno nasceu e cresceu debaixo das estrelas do Cruzeiro do Sul. Aonde quer que ele ia, elas o perseguiram. Debaixo do Cruzeiro do Sul, cruz de fulgores, ele ia vivendo as estações de seu destino. Não tenho nenhum deus. Se tivesse, pediria a ele que não deixe Netuno chegar a morte: ainda não. Falta muito o que andar. Existem luas para as quais ainda não latiu e sois nos quais ainda não se incendiou. Ainda não mergulhou em todos os mares deste mundo, que dizem que são sete, nem em todos os rios do Paraíso, que dizem que são quatro. Em Montevidéu, existe um menino que explica: — Eu não quero a morte de Netuno nunca, porque quero brincar (com ele) sempre.”

Cedo demais.

(Neilton)

Ainda que planejemos todos os percursos da pesquisa, os caminhos permanecem incertos, traiçoeiros e substancialmente afetáveis. Não nos parece possível pensar uma pesquisa que esteja a tal ponto deslocada que não se desestabilize, que não nos produza como novos sujeitos também. Em julho de 2017 (no meio do estimado para a duração da pesquisa) Netuno se suicidou. Esse momento nos disse que não temos certeza de coisa alguma – seja na pesquisa, seja na vida.

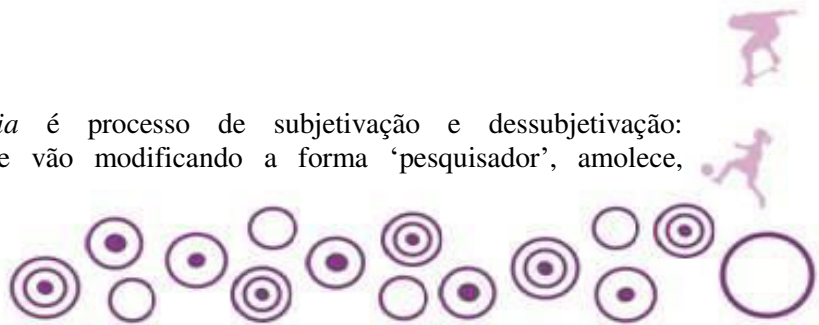
No mesmo sentido que a experiência se fez para Elfo, Irene e Netuno, se fez a nós. Como um de nós narra na relação com Foucault: “alguns falam de paixão. Outros de tormenta. Amor e ódio, dor e prazer. Encontros frequentes, breves e duradouros, dos quais costumo sair atormentado. Muitos pensamentos. Nem sempre é compreensível (e tem que ser?)” (CASTRO, 2014, p. 14), as experiências e subjetivações na pesquisa são múltiplas.

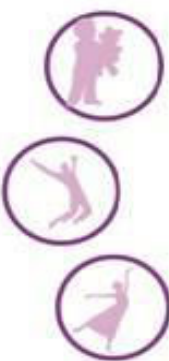
Encontrar a não-binaridade de gênero, nos apaixonar por ela. Encontrar Foucault, nos apaixonar por ele. Encontrar Elfo, Irene e Netuno, nos apaixonar por essas pessoas. No encontro com a morte, foi a paixão que nos fez chorar, que nos fez parar, nos nos fez afastar, que nos fez devastar. Mas foi também a paixão nos fez continuar, que me fez lembrar. Romper com as dicotomias, romper com as classificações de boa/ruim. Encontrar é experiência nessa pesquisa: inclassificável. Tão potente, quando complexa. Tão dolorida, quando acalentadora. Tão efervescente, quanto poente. Tão estabilidade, quanto transfiguração.

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002, p. 26).

Considerações finais

Pesquisaexperiência é processo de subjetivação e dessubjetivação: (des)caminhos que vão modificando a forma ‘pesquisador’, amolece,



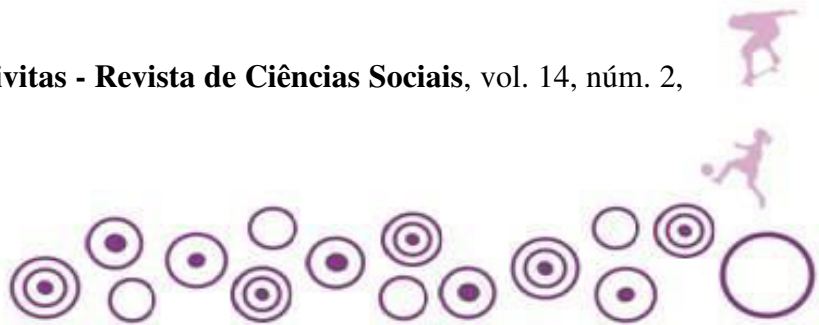


endurece, deforma, reforma e vai assumindo outros formatos, também provisórios e momentaneamente satisfatórios, para dar conta de viver a pesquisa e pesquisar a vida. (CASTRO, 2014, p. 21, grifos do autor).

Investigamos com Elfo, Irene e Netuno os processos de (des)subjetivação. Construimos narrativas sobre eles. Rememoramos-los como forma de pesquisar. E esse próprio construir e rememorar se produziu enquanto experiência. Fomos nos modificando enquanto sujeitos e sujeitos de gênero. Fomos nos modificando enquanto pesquisadores. Demos conta de viver a pesquisa, de pesquisar a vida. A leitura e a escrita se constituindo nesse processo: Elfo, Irene e Netuno leram nossas conversas, nós lemos Deleuze, Foucault, Judith Butler e tantas outras. Elfo, Irene e Netuno se colocaram à disposição da leitura. Juntos, escrevemos.

Falar de não binaridade de gênero e movimentos de vida através do texto se fez experiência quando nos colocamos nas (im)possibilidades do devir: fazer de uma pesquisa um devir-teatro, um devir-carta, um devir-crônica, um devir-poema, um devir-texto acadêmico, um devir-fotografia, um devir-canção. Somos muitas coisas. Materializamos os encontros, as paixões, as experiências em muitos movimentos no escrever. Fazer desse texto uma tentativa de dizer de forma justa todo caminhar da pesquisa foi o que se constituiu em nós enquanto escrita-experiência.

Referências

- CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. 256p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2014.
- D'ÁVILA REIS, Cristina. O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 243-260.
- FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais**: implicações para a educação infantil. Silva, p. 195, 1995.
- LARROSA, Jorge. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, p. 19-34, 2002.
- SCHOLZE, Lia. **Narrativas de si**: o olhar feminino nas histórias de trabalho. 181p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS. 2005.
- SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, vol. 14, núm. 2, p. 272-284. 2014.
- 





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

